

Marina, uma lenda amazônica no Senado

■ Vitória de Maria Osmarina Silva no Acre surpreende o país. "Sou o inverso de São Tomé: acredito primeiro para ver depois"

MILTON ABRUCIO JR.

SÃO PAULO — Em 1º de fevereiro, desembarca no Senado Federal uma verdadeira lenda amazônica: Marina Silva, ou a vitória do sonho sobre o infortúnio. Só ela não se surpreende com o feito: antes de derrotar os coronéis da política acreana, alegando-se senadora pelo PT com 64.400 votos, já havia enfrentado o batente nos seringais, a fome e o analfabetismo. "Sempre tive convicção de que seria eleita. Sou aquariana com ascendente em Aquário. Sou o inverso de São Tomé. Acredito primeiro para ver depois", define-se Marina, armando o sorriso belo e quase permanente no topo de um corpo esguio. "Pensando bem, só tinha mesmo que ser sonhadora para acreditar que eu podia seguir em frente e chegar onde cheguei", suspira a senadora, ainda em plena maratona que lhe tirou três dos 51 quilos de peso.

Depois da dura campanha pelo interior do Acre, veio a vitória e o périplo de entrevistas no Sul do país, admirado com a trajetória da gata borralheira do Norte, personagem de uma Amazônia mestiça, dos "povos da floresta" do amigo Chico Mendes, que defenderá no Congresso.

Sua história começa no Bagaço, seringal perto de Rio Branco, capital do Acre. O infortúnio se inicia na composição da prole do seringueiro Pedro Augusto da Silva. Maria Augusta da Silva, a Nega, uma bela mulata, lhe deu 11 filhos. Nasceram dois únicos Antônio entre nove Marias. Um dos varões morreu aos 7 dias, de tetano contraído no corte do cordão umbilical, e o caçula só nasceria quando seu Pedro já tinha passado por quase todas as dificuldades. "Contado do seu Pedro, filha e prejuízo", diziam os vizinhos sobre o pai de Marina, pouco antes dele deixar o Bagaço com destino a Manaus, em 67, onde abriu uma taberna.

A taberna durou apenas cinco meses, e a família correu para Santa Maria, no Pará, onde, dizia a carta de um irmão de Pedro, plantar mandioca para fazer farinha dava lucro. Mas os preços da mandioca caíram e a ilusão esfaleceu. Pela primeira vez, a bem-nutrida família Silva, alimentada no seringal com peixe, caça e criatividade, descobria o que era a fome. "Esquecemos carne e passamos para arroz e feijão. Depois, chegamos a ficar 24 horas sem comer. Me lembro de um Sábado de Aleluia em que minha mãe fez apenas uma farinha com um único ovo, impossível de achar. Ela e meu pai nem comeram naquele dia", recorda Marina, nascida Maria Osmarina Silva.

O sofrimento começou a acabar quando, após 1 ano e 8 meses, Nonato Barros, antigo patrão de Pedro no Bagaço, respondeu a uma carta do pai de Marina comunicando que topava financiar a volta. O

pagamento seria trabalho no seringal. Depois de 29 dias de viagem de barco pelo Rio Amazonas, a família estava de volta ao Bagaço. Desta vez, seu Pedro já chegava devendo o equivalente ao que ele poderia, sozinho, cortar, percorrendo os 28 quilômetros de ida e volta no seringal.

Aos 10 anos, porém, Marina juntou-se à irmã mais velha, Maria Delzimar, para encurtar o caminho do pai. "Ele ia cortando os primeiros sete quilômetros do círculo que formava o seringal e nós fazíamos os outros sete. Depois, cortávamos pelo meio do círculo de volta para o rancho. Minha mãe não sabia cortar a seringueira, só colhia o leite e administrava o trabalho. Minha irmã Maria Aurilene tinha paralisia infantil e só ajudava em casa." Em um ano e meio, a dívida estava paga. Mais três anos e meio e a família conseguia comprar, na área do Bagaço, um lote de 2 mil metros por 500, de frente, à beira da estrada que surgia, a BR-364.

O infortúnio voltaria na forma da doença. Morreram, de sarampo e malária, duas de suas irmãs, Maria Marilene, com 3 anos, e Maria Rosilene, 6 meses. Fora as cinco malárias de lei na região, uma hepatite atingiu Marina seis meses depois, enquanto a mãe morria, de aneurisma cerebral. As seqüelas da hepatite foram a senha para que Marina tomasse coragem e pedisse ao pai permissão para um sonho: estudar para freira em Rio Branco. Sonho acalentado no casebre da avó carola, onde Marina dormiu na infância. "É isso que você quer? Então está certo", respondeu Pedro, numa calma surpreendente, a despeito da oposição do avô, para quem "se a mãe dela fosse viva, nunca que ia deixar".

Na chegada a Rio Branco, aos 16 anos, Marina foi abrigada primeiro, por dias, na casa de um primo, e meses depois, na de um tio. Trabalhou como empregada na casa dos professores Dagmar e Terezinha. Nesse meio tempo, mostrava-se um fenômeno escolar. Para começar, duas semanas no Mobral. "Eu sabia as quatro operações, conhecia dinheiro, hora de relógio e letra de forma, que aprendi nas revistas do meu avô", conta. "Uma colega copiou para mim o alfabeto em letra corrida e eu decorei. A professora disse que eu aprendia muito rápido e me mandou para a Educação Integrada, um supletivo. Faziam-se os quatro anos de primário em um." Marina entrou no curso no final do primeiro semestre, mas foi uma das três alunos, de uma sala de 46, a ser aprovada.

Marina matriculou-se, então, no sonhado internato de freiras, a Casa Madre Elisa, que mantinha o Instituto Imaculada Conceição. A chefe, irmã Firmina, achou que ela, aos 17 anos mas vinda de supletivos, não acompanharia as aulas da 5ª série. Mas foi convencida por um professor: se não der certo, ela volta para a 4ª série.



Marina foi aprovada em Matemática com 8,5. Em pouco tempo, foi dispensada das provas finais. Quando cursava a 6ª série, fez as provas do supletivo de 1º grau e passou. "Achei que tinha muito ainda para aprender. Não sabia corretamente Português, Matemática e uma língua estrangeira", acautelou-se. Fez a 7ª série e, no final do ano, enfrentou as provas do supletivo de 2º grau. Passou. No final da 8ª série, fez as provas que faltavam.

Passou, mas resolveu cursar o 1º ano do 2º grau, de olho no vestibular. Quando terminou os supletivos, havia acabado também a vocação religiosa. "Meses antes da irmã comprar meu enxoval para ir para o Rio fazer o noviciado, avisei que não tinha mais a mesma vocação. Adquiri um senso de justiça forte. Achava que Deus tinha que ser prazer, felicidade", desreve Marina. Em meio ao estudo para o vestibular, começou a frequentar as comunidades eclesiais de base da Igreja Católica e a namorar um funcionário da Assembleia do Acre, Raimundo Gomes de Souza, que viria a ser seu primeiro marido, pai da menina Shalon, 13 anos, e de Danilo, 12. Mas ela, a hepatite, voltou, e Marina foi conhecer São Paulo, na forma de um leito do Hospital São Camilo, conseguido com ajuda do amigo Dom Moacir Grecchi, o progressista bispo de Rio Branco. Quando voltou, já encontrou o marido de volta de um curso de técnico da Embratel, no Rio.

Estava casada e grávida de Shalon

□ Os povos da floresta mandaram ao Congresso Nacional uma gata borralheira mestiça, criada no infortúnio e na doença. Nascida no Acre, trilhou os caminhos dos seringais com o pai até resolver estudar, militar na política e se eleger senadora da República. Foram 64.400 votos, arrancados de coronéis e latifundiários, num estado que assistiu ao assassinato de Chico Mendes — seu amigo e cuja causa promete defender. "Querem negar a natureza da Amazônia, mas não vamos passar pela devastação que a Europa e os EUA passaram."

quando passou em 18º lugar no vestibular de História da universidade federal. Na faculdade, ao mesmo tempo que já ministrava aulas na escola das freiras e na rede pública, conheceu a militância estudantil. Formada, chegou ao PT, na tendência radical Partido Revolucionário Comunista, o PCR de José Genoino. Militando na oposição do sindicato dos professores, virou vice-coordenadora da CUT. O coordenador: Chico Mendes.

"Ele vivia no interior e eu carregava a CUT. Participei com ele de muitos empates, formávamos barreiras humanas para evitar as derrubadas." O marido nada falava, mas o casamento acabou em novembro de 85. No final do ano seguinte, encontrava alguém mais afeito à militância. O paulista Fábio Vaz de Lima, técnico agrícola que assessorava os seringueiros da Xapuri de Chico Mendes, seria o pai de Moara (liberdade, em Tupi), 4 anos, e Maiara, ("não sei o que é, sei que é indígena"), 2 anos.

Era 86, e o amigo Chico, candidato sério a deputado estadual, precisava de alguém para que se tivesse uma chapa também com deputado federal. Lá foi Marina. Nenhum dos dois se elegeu, mas ela foi a 5ª mais votada no estado, excluída por coeficiente insuficiente da legenda. De 1988 não passou. Marina elegia-se primeira vereadora do PT em Rio Branco, com a maior votação: 2.600 votos. Forneceu à imprensa cópia de seu contracheque, reve-

lando o segredo do salário dos vereadores, contra o qual entrou na Justiça. Acabaram devolvendo aumento indevido.

Marina acabou na Assembleia, novamente a mais votada no estado, com 3.331 votos, numa chapa que fez o PT crescer, levando um engenheiro florestal, Jorge Viana, a disputar o segundo turno para governador. Na Assembleia, nova luta: acabar com a aposentadoria dos ex-governadores. Apresentou três projetos neste sentido. Sem sucesso. O máximo que a maioria conservadora deixou foi criar o dia Estadual de Defesa dos Povos da Floresta, comemorado no aniversário da morte do amigo Chico.

Em 92, Jorge Viana tornara-se prefeito de Rio Branco, e o PT precisava de uma chapa forte para a eleição deste ano. O irmão de Jorge, o médico Tião Viana, disputava o governo e Marina topou a parada do Senado. Vinte dias antes da eleição, o Ibope dizia que Marina ficaria em quarto lugar. Foi a primeira, na frente do ex-governador Nabor Júnior (PMDB), que se contentou com a segunda vaga. Derrotou ainda o senador Aloizio Bezerra, que controla a repetidora local da TV Bandeirantes, e o empreiteiro Narciso Mendes, do PPR do governador Romildo Magalhães e dono de um jornal e da retransmissora do SBT. Narciso definiu Marina como "um furacão". Bezerra nem fala sobre o assunto. Para ela, "o Ibope tem que explicar o que aconteceu", não houve uma virada de última hora. "Nosso lema era um voto de consciência, e as pessoas entenderam. Votaram por convicção nos coronéis e em mim."

No Congresso, Marina vai encontrar o amigo Genoino, não mais do PRC, mas da Democracia Radical, grupo dos moderados petistas também frequentado pela nova senadora e por três de seus quatro colegas da bancada petista no Senado: Eduardo Suplicy, Benedita da Silva e José Eduardo Dutra (SE). Somente Lauro Campos (DF) está mais à esquerda. "Somos o PT moderno", diz a senadora, depois de discutir economia com o deputado eleito e ex-assessor de Fernando Collor, Antônio Kandir (PSDB), em debate na TV Gazeta de São Paulo. "Minha luta será mesmo pelo desenvolvimento auto-sustentado da Amazônia, com preservação da floresta e crescimento com base nas reservas extrativistas", sonha. "Os projetos agrícolas que quiseram implantar são exemplo de políticas feitas para negar a natureza da Amazônia. Não vamos passar pela devastação que a Europa e os EUA passaram", sorri, irônica.